



UFRJ



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

Josué Gabriel de Freitas Kahanza Zito

TRADUÇÃO DO PRÓLOGO DE *SPECULUM STULTORUM*
E ESTUDO INTRODUTÓRIO

Rio de Janeiro

2022

JOSUÉ GABRIEL DE FREITAS KAHANZA ZITO

**TRADUÇÃO DO PRÓLOGO DE *SPECULUM STULTORUM*
E ESTUDO INTRODUTÓRIO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Latim.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rio de Janeiro
2022

*Regna licet teneat sceptrumque leonis asellus,
Juraque det populis, semper asellus erit.*¹
(Nigel de Longchamps, *Speculum stultorum*, Prologus v. 57;58)

¹ Um asno pode ter os poderes e o cetro de um leão,
e legislar para os povos, contudo, sempre será um asno.

Ficha Catalográfica

CIP - Catalogação na Publicação

282t Zito, Josué Gabriel de Freitas Kahanza
Tradução do Prólogo de Speculum Stultorum e Estudo
Introdutório / Josué Gabriel de Freitas Kahanza
Zito. -- Rio de Janeiro, 2022.
40 f.

Orientador: Fábio Frohwein de Salles Moniz.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português - Latim,
2022.

1. Speculum Stultorum. 2. Nigel de Longchamps.
3. História da Tradução. 4. Teoria da Tradução. 5.
Poética Medieval. I. Moniz, Fábio Frohwein de
Salles, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

AGRADECIMENTOS

Fico à vontade para congratular aqueles que fizeram da minha caminhada na graduação um momento de aprendizagem e de estreitamento de laços interpessoais. Pois sem eles, meus passos não seriam certos e eu não suportaria as tarefas que me foram atribuídas ao longo da graduação. A meu ver, não seria justo deixá-los de fora da conclusão desta etapa da minha vida, posto que seu suporte foi crucial para meu fortalecimento interior, dia após dia, nutrindo-me das coisas boas, sãs e vigorosas que a universidade tem a oferecer aos seus discentes, docentes, funcionários e extensionistas.

Inicialmente, desejo agradecer a minha mãe, sem a qual não teria condições de estar aqui frente ao computador produzindo este trabalho. Foi ela que sempre acreditou em mim muito antes de eu cogitar ingressar no ensino superior, pois os primeiros passos que dei na vida foram muito bem monitorados e instruídos por ela. Ela é a pessoa cujo caráter me serviu de modelo para que eu pudesse pavimentar os caminhos que me foram abertos e fechados ao longo da vida. Pois foi através dela que pude aprender a me reinventar e a seguir, sendo valente, diante das incontáveis adversidades.

Agradeço também a meu pai, já que trago comigo a consciência que a mim fora dada muito antes do meu nascimento. Ele foi peça chave para o despertar do meu interesse pelas culturas e línguas de diversos povos, inclusive do país de onde ele veio. Percebo que pertencimento muito mais ao mundo do que a um pedaço de terra previamente demarcado, graças aos ideais e à bagagem cultural cultivada por ele e pelos frutos de suas incursões nesta grande casa que é a terra. Nunca esquecerei as lembranças que, vez ou outra, me transportam para lugares por onde talvez ele tenha passado em sua juventude.

Sou perpetuamente grato aos projetos dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro sem os quais estaria fora de questão permanecer nas dependências dessa instituição federal. Agradeço pela oportunidade para aprimorar minha visão da docência, do que se constitui e do que se fortalece o docente para adentrar quotidianamente em uma sala de aula, atuando como monitor voluntário de Linguística III, no Departamento de Linguística e Filologia (2017), como monitor bolsista de Língua Latina (2018) em um dos maiores e mais bem geridos projetos da UFRJ, o CLAC (Curso de Línguas Aberto à Comunidade). Também sou grato por ter atuado como monitor bolsista de Sintaxe da Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Vernáculas (2019).

Nota-se que o suporte oferecido pela instituição é fundamental para que as pesquisas e os pesquisadores tenham condições de continuar funcionando e desempenhando plenamente suas respectivas funções. Os programas de monitoria da universidade foram fundamentais

para meu desenvolvimento e permanência nela. Desejo também agradecer aos professores que sempre me apoiaram e me deram conselhos valiosíssimos dentro da academia. A começar pelo professor Fábio Frohwein em quem encontrei mais do que um orientador, pois sua amizade e orientações foram importantes para mim ao longo destes anos; o professor Guilherme Losso que me deu suporte no meu primeiro semestre de estudo da língua portuguesa/latina; a professora Katia Teonia com quem pude aprender muito como trabalhar com assuntos diversos no que concerne o ensino de Língua Latina; ao professor Alessandro Boechat (Departamento de Linguística e Filologia) por ter me iniciado nos estudos da Sintaxe Gerativista e por ter me dado todo suporte possível enquanto fui aluno dele e atuei como monitor de Linguística III e, por consequência de diversos fatores, quase me tornei, sob sua tutela, um pesquisador vigoroso dessa área.

Agradeço à professora Martha Alkimin (Departamento de Ciência da Literatura) por, além de ter alegrado minhas manhãs de terça e quinta-feira, às 11h:10min, do meu primeiro período na UFRJ, me ensinar a amar a literatura clássica e encontrar nela respostas que se propagaram pelos quatro cantos da terra, contendo indagações que nos circundam até hoje. Foi através de suas alegorias e ensinamentos que pude reafirmar certos posicionamentos e pensamentos que eu já vinha cultivando há anos. Não posso, de maneira alguma, esquecer de agradecer aos amigos que a Minerva me concedeu.

Por isso, agradeço inicialmente à Luane Flores por ter sido uma amiga constante durante esses quatro anos, por ter emprestado seus ouvidos para entender minhas causas, meus questionamentos, por ter compartilhado todos esses anos comigo e por ter suportado minhas reações diante de momentos decisivos, polêmicos e nem sempre tão confortáveis. Agradeço também à Marcelle Mayne por ter sido uma pessoa sincera e agradável sempre tentando me motivar; à Andrezza Pequeno por ter me alegrado em diversos momentos com seu jeito autêntico e tragicômico; à Jessica Candida por ter compartilhado seus momentos de alegria e tristeza dentro e fora da graduação; à Lúcia Pestana por estar sempre disposta a compartilhar seus conhecimentos comigo; aos professores que ouviram minhas reivindicações; aos professores que não fizeram pouco caso do que lhes fora proposto, sugerido e também cobrado; aos alunos que me deram a oportunidade de lhes ensinar temas específicos de algumas disciplinas da nossa grade curricular.

Não posso, em nenhuma circunstância, esquecer de agradecer aos meus antepassados, sem eles eu não seria nada, sem agradecer-lhes eu estaria sendo rude e afrontoso. Ofereço meu desenvolvimento e crescimento como forma de congratulação, pois foram eles que através de uma polifonia inexplicável formam coro comigo, sustentando os meus caminhos

nas etapas mais custosas e desafiadoras de minha vida. Suas vivências me serviram de base para seguir em frente durante esses quatro anos de graduação na UFRJ.

SUMÁRIO

Parte I

Introdução

1 Sobre história e teoria da tradução

2 Sobre Idade Média

3 A poética medieval e Nigel de Longchamps

3.1 A produção poética na Baixa Idade Média

3.2 Nigel de Longchamps e o *Speculum stultorum*

Conclusão

Parte II

Tradução e notas do *Prologus Auctoris* de *Speculum stultorum*

Referências bibliográficas

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo com o presente trabalho é propor uma tradução para o prólogo de *Speculum Stultorum*, poema narrativo de Nigel de Longchamps, produzido no séc. XII. Além disso, buscamos oferecer ao leitor um estudo introdutório contendo informações sobre história e teorias da tradução, contexto histórico-cultural do autor e sua obra. Nosso primeiro contato com a referida obra deu-se por ocasião de nossa participação no projeto “Os clássicos no acervo de Obras Raras da Biblioteca Nacional”, em que atuamos ao longo de 2018. A ideia de traduzirmos a referida obra surgiu de nosso interesse em conhecê-la no original e do fato de que ela se encontra ainda inédita em português. Buscávamos desenvolver, também, uma pesquisa que pudesse contribuir para a divulgação de uma obra rara do acervo da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), colaborando com determinados setores da sociedade, a saber, pesquisadores e profissionais que lidam com obras raras em latim e com a literatura do Medievo. A FBN possui dois exemplares da obra impressos em 1499 (Colônia, Cornelis de Zyrickzee), um deles microfilmado, e um exemplar da edição crítica publicada em 1960, com introdução e notas de John H. Mozley e Robert R. Raymond.

Para atingirmos nossos objetivos, organizamos este trabalho em duas partes. Na primeira, disponibilizamos um estudo introdutório, organizado em três capítulos: 1) “Sobre história e teoria da tradução”, que considera os estudos de alguns teóricos e historiadores da tradução, com o intuito de direcionar o leitor para o entendimento das etapas que serão executadas posteriormente; 2) Sobre Idade Média, que apresenta eventos histórico-culturais sobre a Idade Média, especificamente do séc. XI/XII, além de se preocupar com a contextualização da vida do autor de *Speculum Stultorum*, Nigel de Longchamps.; 3) A poética medieval e Nigel de Lonchamps, que mostra que autores medievais, como de costume, buscaram influências em poetas latinos antigos, tanto por meio da (re)utilização de gêneros literários, quanto por meio da técnica versificatória.

Na segunda parte, encontra-se nossa proposta de tradução que materializa as considerações apresentadas ao longo dos capítulos dispostos na parte I. Os versos originais e sua tradução em prosa foram diagramados em duas colunas, de modo a facilitar a leitura comparativa dos textos latino e português. Partiremos de nossas perspectivas a respeito do ato de traduzir para alcançarmos nossos objetivos. Para tanto, vamos analisar o livro de Nigel de Longchamps, pois ele nos apresenta algumas personagens que introjetam certas características que não são tão comuns assim à natureza delas. Foi por meio de um desejo ávido de estudar algumas teorias da tradução que decidimos ampliar nossos estudos, para que

pudéssemos aplicá-los ao nosso objeto de pesquisa. Ao seguir por essa vereda, buscamos entender os aspectos cruciais e intrínsecos desse autor a partir de seu livro. No entanto, para que isso fosse possível, buscamos alguns textos acerca das teorias da tradução que pudessem nos auxiliar nesta jornada, o que fará toda a diferença para uma possível resolução deste trabalho.

A tradução é um mecanismo de difusão textual e, por conta disso, é preciso elencar, previamente, técnicas de tradução que deem conta dos objetivos traçados pelo tradutor, levando em consideração as atribuições que caracterizam a transposição de uma obra, que fora originalmente escrita em determinada língua estrangeira, para outra, que dispõe de mecanismos linguísticos singulares, os quais poderão ser reavaliados e reinterpretados a partir do momento que ultrapassem os limites estabelecidos pelas singularidades da língua alvo. A tradução muitas vezes também é vista como algo impossível de se realizar pois, para muitos, ela é incapaz de dar conta tanto da forma quanto do conteúdo que o texto original oferece, o que também colabora para a construção da visão de que traduzir se configura como um ato de traição.

Partindo da proposta do nosso trabalho, coube-nos pesquisar textos da área de tradução que possibilitassem o desenvolvimento de um trabalho de tradução alinhado com as ideias de quem se dispõe a traduzir, o tradutor. Pois, não estamos à procura de uma tradução que seja milimetricamente equivalente, já que, a nosso ver, o texto de partida passará por processos — muitas vezes bruscos — que darão outra roupagem para o texto que surgirá do contato do tradutor com a obra que se deseja traduzir. O que resultará, portanto, em um texto que não representa, de maneira nenhuma, uma mera cópia do texto traduzido, mas que talvez possua uma estrutura divergente da que encontramos inicialmente, visto que as línguas possuem idiossincrasias próprias e, muitas vezes, únicas.

Assim sendo, o que desejamos oferecer com este trabalho é uma reflexão acerca dos estudos de tradução que foram desenvolvidos até aqui e como podemos aplicá-los no nosso objeto de pesquisa que é o livro *Speculum Stultorum*, introjetando aspectos singulares dessas possíveis teorias da tradução na estrutura do nosso trabalho. À medida que analisamos algumas delas, conseguimos caminhar adiante dentro de nossa própria proposta de tradução, pois ao longo das pesquisas pudemos encontrar informações e respostas que, até então, permaneciam nebulosas para nós. Quando aplicamos visões de tradução que apresentam certo conflito entre si ou até mesmo divergem entre si, percebemos que os olhares direcionados a esse recurso possuem singularidades que nos poderiam ser úteis durante a produção deste trabalho.

Isto posto, torna-se indiscutível a atuação ativa do tradutor ao longo do processo tradutório, cabendo inegavelmente a ele certas atribuições que também valorizarão o seu trabalho com o texto. A nosso ver, o tradutor não pode ser encarado como mero reproduzidor de algum material que já fora produzido por outro autor dito “autêntico”, posto que a dedicação que o tradutor aplica em seu texto carrega objeções que são íntimas dele e que naturalmente envolvem as ânsias e objeções de seu próprio público. À proporção que o tradutor reconhece o seu próprio trabalho com o texto, surge a sua autoconsciência a respeito dele mesmo. Traduzir não é tarefa fácil, muito menos simples, logo o tradutor deve ter em mente quais são os caminhos que melhor atenderão às suas necessidades e que darão respaldo para sua atuação.

Com esse trabalho, desejamos evidenciar a importância de se reconhecer os diversos aspectos do ato de traduzir e de reconhecer as áreas nas quais o tradutor pode atuar sem que sua imagem fique vinculada a um aspecto simplista das possíveis materializações da tradução. Com base na tradução de excertos (prólogo do autor) de *Speculum Stultorum* pretendemos aplicar formas alternativas de tradução que se encaixam muito bem na proposta de tradução que temos em mente. Estamos em busca de uma definição do ato de traduzir que melhor expresse os nossos objetivos com o presente trabalho, pois é a partir dele que criamos reflexões importantes que nos ajudarão a alcançar os objetivos que almejamos com este trabalho.

1 SOBRE HISTÓRIA E TEORIA DA TRADUÇÃO

Conforme Basnett², o ato de traduzir se manifesta de diversas maneiras, já que pode estar atrelado a propósitos distintos dentro das possibilidades que se aplicam à tradução. Embora a tradução seja frequentemente associada à linguística, Basnett salienta que a prática tradutória pertence mais especificamente ao campo da semiótica, uma vez que essa disciplina está intimamente ligada aos estudos do sistema ou da estrutura dos signos de uma língua, além de se ocupar com as demandas dos processos e das funções dela. Tradicionalmente, a tradução é entendida como um processo que consiste em transferir o “significado” contido em um conjunto de “signos” de uma língua para outra. Em seu trabalho, o tradutor busca suprir necessidades impostas pelas acepções muitas vezes nem tão precisas de alguns dicionários ou da própria gramática constituinte da língua-alvo. No entanto, o processo tradutório envolve, ainda, muitos outros critérios, às vezes extra-linguísticos mas importantes para que a tradução seja bem-sucedida do início ao fim de sua realização.

Segundo Sapir-Whorf, língua e sociedade estão fortemente ligadas.³ Logo, não há como conceber uma tradução sem que seja levado em consideração o contexto social do texto de chegada. Mesmo que as realidades linguísticas e sociais possam ser extremamente diferentes, uma colabora com a construção da visão da outra no contexto em que a tradução possa de alguma forma ser utilizada. Para Sapir-Whorf, nenhuma língua pode existir ou ser analisada sem que se estude o contexto social e cultural no qual está inserida; e nenhuma cultura existe sem que se desenvolva em seu núcleo a estrutura de alguma língua natural, constituindo um complexo sistema linguístico que corresponda às demandas geradas pela comunidade que a fala. Portanto, a língua é o coração que impulsiona toda a cultura que a permeia, e é a partir da interação entre ambas que se propulsiona o funcionamento da energia vital de uma sociedade minimamente estruturada. Ao passo que todas essas nuances são detalhadas aos poucos, começa-se a perceber que não seria possível obter um bom resultado em um trabalho de tradução, caso todo o contexto sociocultural em que a língua está inserida não fosse tão bem tratado quanto as palavras que colaboram com a construção do sentido gerado no texto de partida.

Autores como Roman Jakobson distinguem a tradução em três tipos funcionais: intralingual translation (uma interpretação dos signos verbais, adotando outros signos verbais na mesma língua); interlingual translation ou translation proper (uma interpretação dos signos verbais, adotando alguns significados da outra língua); intersemiotic translation ou

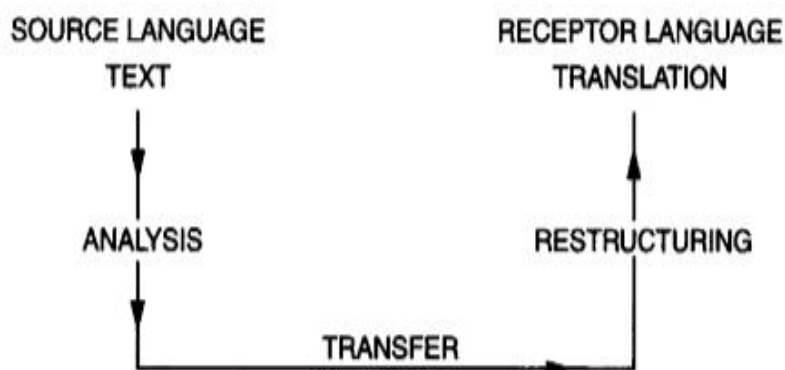
² apud: BASSNETT, 2002, p. 22.

³ apud: BASSNETT, 2002, p. 23.

transmutation (uma interpretação dos signos verbais, adotando os signos do sistema de signos não verbais). Esses três tipos de tradução servem para nos guiar dentro dos possíveis cenários de tradução com que podemos nos deparar. O segundo, interlingual translation/ translation proper, consiste no processo de transferir o texto de uma língua de partida para uma língua de chegada. No entanto, para Jakobson, uma coisa é certa: por mais que as mensagens possam ser interpretadas por outras mensagens ou unidades de códigos de outra língua, ainda assim não haverá uma completa equivalência entre as traduções. Tal afirmativa pode ser muito bem ilustrada e comprovada quando nos deparamos com termos sinônimos dentro de uma mesma língua que, por mais que sejam sinônimos, ainda assim não são totalmente equivalentes.

O adjetivo “esperto”, por exemplo, é sinônimo do adjetivo “inteligente”, contudo há alguns semas presentes em um que seriam impossíveis de se encontrar ou associar ao outro. A palavra inteligente, por exemplo, está muito mais associada à qualidade daquele que possui um grau de inteligência superior ao normal e usa dessa habilidade para benefício próprio ou daqueles que o rodeiam, enquanto a palavra esperto está muito mais atrelada à ideia de sagacidade, ao uso de artimanhas (nem sempre honestas e justas) para alcançar seus objetivos.

A sinonímia por si só é uma questão que precisa ser muito bem analisada. Esse fenômeno não corresponde a uma equivalência exata entre termos, pois eles podem ser semelhantes, porém nunca serão inteiramente equivalentes. Na verdade, cada um deles possui um conjunto de associações e conotações que não são transferíveis; podendo ser, aliás, controversas. A equivalência não tem lugar em nenhuma das três categorias descritas por Roman Jakobson, para quem toda e qualquer arte poética é por si só intraduzível. Muitas vezes os tradutores recorrem à reinterpretação de mensagens ou de códigos linguísticos com o intuito de obter uma equivalência, que, comumente, é ilusória, mas, em alguns casos, dá conta dos objetivos inicialmente traçados pelo tradutor. O tradutor, portanto, vê-se obrigado a operar através de critérios que transcendem os limites puramente linguísticos; típico de traduções ditas equivalentes. É aí que se abre o grande leque de atuação e de possibilidades da interpretação e reinterpretação dos códigos linguísticos e das mensagens que estão contidas na língua de partida. Sendo assim, o tradutor adequa e reestrutura códigos linguísticos e mensagens da língua de partida à língua de chegada.



Nida's Model of the Translation Process⁴

O processo de tradução para alguns autores consiste em transpor um texto que foi escrito em determinada língua para uma língua estrangeira. Muitos autores creem nessa mera transposição de conteúdos. No entanto, há questões que precisam ser devidamente avaliadas para que possamos chegar a algum ponto de concordância para que tenhamos uma visão ampla do ato de traduzir, o que fará toda a diferença. As traduções não são idênticas entre si, pois cada uma delas atende a diversas demandas e muitas vezes bem distintas entre si. É importante desenvolvermos esse debate inicialmente para que possamos evidenciar nossas visões a respeito do ato de traduzir. Muitos vocábulos podem ser tomados como exemplo para ilustrarmos como a tradução equivalente não dá conta de todas as exigências estabelecidas no processo de transposição de um código linguístico para outro.

As palavras “manteiga” e “margarina”, por exemplo, podem, inicialmente, parecer significar a mesma coisa, mas o próprio dicionário nos apresenta características suficientes para que saibam que se trata de coisas distintas; “manteiga”: substância gordurosa e untuosa, extraída do creme de leite; “margarina”: substância gordurosa, comestível, de consistência mole, feita com diversos óleos e gorduras, mais frequentemente vegetais (amêndoas, soja, côco, etc).

⁴ apud: BASSNET, 2002, p. 24; 25.

Se já encontramos essas grandes disparidades entre termos e vocábulos de uma mesma língua, fica evidente que essas distinções se intensificam quando comparamos termos e vocábulos entre línguas distintas, no nível da sentença. Parece que, como disse Sapir, cada língua representa uma realidade diferente e separada, influenciando, também, nossas escolhas durante o próprio processo tradutório. A tradução vai inevitavelmente requerer a substituição de elementos linguísticos presentes na língua de partida, para que esses elementos presentes na língua de chegada deem conta da mensagem que desejamos passar.

Não se trata de deturpação ou distorção do que foi escrito no texto a ser traduzido, mas sim da adaptação das palavras ou conjuntos de palavras que não possuem o mesmo efeito aplicado ao texto de chegada. Isso também acontece muito quando estamos lidando com expressões idiomáticas, pois muitas vezes elas não são equivalentes de forma alguma por possuírem arranjos de palavras que funcionam perfeitamente em um dado idioma, mas não faz o menor sentido, se for traduzida palavra por palavra em uma outra língua. Pois, para isso, será necessário encontrarmos palavras que transmitam a ideia propagada pela expressão idiomática, proporcionando, assim, não só a reprodução da mensagem retirada de uma língua de partida e projetada em uma de chegada, mas também terá que corresponder à forma e ao estilo presentes nela.

Tentar impor um sistema de valores da cultura da língua de partida na cultura da língua de chegada não é o melhor dos caminhos a ser seguido. O tradutor não pode ser o autor do texto da língua de partida, mas será, sem dúvida alguma, o autor do texto da língua de chegada. Portanto, o compromisso que ele tem com os leitores do texto da língua de chegada é imenso, e ele não pode, em hipótese alguma, negligenciar esse fato. A tradução requer uma análise minuciosa dos elementos que estão presentes nos textos que passarão pela mão do tradutor, pois muitas vezes ele pode se basear em termos que não existem na língua de partida, mas podem existir na língua de chegada, como metáforas, expressões idiomáticas, expressões pragmáticas, etc. Mais uma vez podemos perceber que a ideia de equivalência é impraticável.

O tradutor precisa estar ciente das nuances da língua e que ele, talvez, terá/tenha que criar significados que anteriormente não existiam na língua de chegada. Por conta disso, muitos teóricos da tradução enxergam esse processo como uma legítima transformação semântica, sem a qual não seria possível traduzir .

Justamente por causa dos múltiplos planos de atuação do processo de tradução, Anton Popovič⁵ distingue quatro tipos de tradução: 1) Linguistic equivalence, em que há uma homogeneidade no nível linguístico entre as duas línguas envolvidas no processo tradutório, ou seja, há uma tradução palavra por palavra; 2) Paradigmatic equivalence, em que há equivalência entre os elementos de um grupo expressivamente paradigmático, isto é, elementos da gramática, os quais Popovič considera como sendo uma categoria superior à equivalência lexical; 3) Stylistic (translational) equivalence, em que há uma equivalência funcional dos elementos em ambos objetivos originais e da tradução por meio de uma identidade expressiva com um sentido idêntico e invariável; 4) Textual (syntagmatic) equivalence, em que há uma equivalência da estrutura sintagmática de um texto, ou seja, equivalência de forma e conteúdo. A tradução envolve muito mais do que substituição entre itens lexicais ou gramaticais entre as línguas.

É importante reavaliarmos o uso do termo “equivalente”, pois ele pode ser usado excessivamente na área dos estudos da tradução sem que seja totalmente adequado aos contextos em que se encontra. Eugene Nida, por exemplo, distingue dois tipos de equivalência, a formal e a dinâmica. A equivalência formal foca sua atenção na mensagem em si, tanto na forma quanto no conteúdo. A equivalência dinâmica é baseada no princípio do efeito da equivalência, ou seja, a relação entre receptor e mensagem deve ser correspondida com a mesma intensidade em relação aos receptores e a mensagem da língua de partida. Contudo, haverá sempre um núcleo invariante, que consiste em base estável e constante dos elementos semânticos presentes no texto da língua de partida, impedindo que o texto traduzido altere os elementos principais e mais importantes que constituem a ideia base difundida no texto de partida. Logo, a tradução, inevitavelmente, sempre envolverá perdas e ganhos.

J.C. Catford⁶ distingue dois tipos de intraduzibilidades, que ele nomeia como linguístico e cultural. No nível linguístico, a intraduzibilidade ocorre quando não há um substituto lexical ou sintático na língua de partida para algum elemento da língua de chegada. A intraduzibilidade cultural, por sua vez, se mostra muito mais complicada de se resolver, porque pode envolver questões que não são nada comuns entre as culturas que, conseqüentemente, se refletem em suas respectivas línguas, escancarando um abismo gigantesco que se estabelece entre conotação e denotação. Além disso, há também a questão

⁵ apud: BASNNETT, 2002, p. 33.

⁶ apud: BASSNNET, 2002, p. 16.

da dimensão pragmática do processo tradutório, pois ela pode se transformar em um grande problema para o tradutor.

Tomando pelo lado histórico, Eric Jacobsen⁷, por exemplo, acredita que a tradução tenha sido uma invenção romana, trazendo como exemplo as definições defendidas por Cícero e Horácio. Ambos discutem a tradução por meio de um amplo contexto a respeito das principais funções do poeta: “[O] dever universal e humano de adquirir e disseminar o conhecimento e da arte especial de fazer e modelar poemas”.

Todos os holofotes foram postos sobre os gregos como opostos à mente romana, que era aparentemente mais prática, e a assimilação romana dos modelos gregos tem sido vista como evidência de sua originalidade peculiar. Os romanos percebiam a si mesmos como a continuação dos modelos gregos, e os críticos romanos discutiam os textos gregos sem ver a língua por meio da qual esses textos foram escritos como um fator inibidor.

Autores romanos, como Cícero e Horácio, não viam problema em reproduzir, palavra por palavra, o texto da língua de partida no texto da língua de chegada. Inclusive, eles incentivavam essa prática, porque ela era muito bem-vinda e não atrapalhava em nada o trabalho tanto do autor do primeiro texto quanto do tradutor do segundo. Na visão deles, não havia porquê perder tempo com a busca de novas palavras para representar o que já havia sido representado com as palavras já presentes no próprio texto.

A arte de traduzir para Cícero e Horácio consistia em interpretar o texto da língua de partida e então produzir o texto da língua de chegada baseado no princípio *non verbum de verbo, sed sensum exprimere de sensu* (não expressar palavra por palavra, mas sentido por sentido), e atentar logo para sua responsabilidade com os leitores da língua de chegada. Mas há também uma dimensão adicional ao conceito romano sobre o enriquecimento através da tradução. O grego era uma língua de cultura e, por mais que os romanos não o falassem como língua materna, muitos conseguiam lê-lo e trabalhar livremente com textos gregos.

À medida que o cristianismo foi sendo difundido, a tradução começou a ganhar novos rumos e novas definições para que a palavra de Deus fosse disseminada para diferentes nações. A tradução passou a incorporar os critérios da estética evangélica, entrelaçando, assim, a história da tradução da Bíblia com a história da cultura ocidental e, portanto, com a história da própria tradução. São Jerônimo foi um dos grandes nomes que, assim como Cícero, declarou que sua tradução se caracterizava como uma tradução de sentido por sentido, em vez de palavra por palavra. No entanto, a linha tênue que separava o que

⁷ Idem, *ibidem*, p. 50.

caracterizava uma licença estilística e o que caracterizava uma interpretação herética permaneceu como um grande impedimento durante muitos séculos. Esse bloqueio na tradução talvez tenha começado a ser rompido somente no séc. XVII, com o crescimento de conceitos nacionalistas e com a Reforma Protestante um pouco antes, mais precisamente no séc. XVI.

A partir daí, a tradução começou a ser usada como uma arma tanto no campo dogmático quanto no campo político, pois muitas nações-estado começaram a esboçar interesse em uma língua nacional e nos territórios que futuramente seriam cortados por suas fronteiras. A Igreja Católica Apostólica Romana começava a perder força, e, com o declínio do latim como língua universal, o destino da Igreja passou a ficar muito mais ameaçado. A primeira tradução da bíblia para o inglês, por exemplo, foi a Wycliffe Bible produzida entre 1380 e 1384, o que marcou o início da onda de traduções de bíblias em inglês, mudando assim o papel do texto escrito dentro da Igreja e, conseqüentemente, mudando também o papel de algumas figuras que sempre estiveram muito presentes nela.

Desde quando as teorias da bíblia foram vistas como aplicáveis a toda vida humana, Wycliffe, um notável teólogo de Oxford, exigiu que tal livro fosse acessível a todos os homens e em uma língua em que eles pudessem interpretar as escrituras em toda sua totalidade. Dessa forma, o vernáculo do leitor deveria ser indispensavelmente levado em consideração, já que se desejava difundir, de maneira simples e eficaz, a palavra de Deus.

A visão de Wycliffe foi tão bem vista que muitas pessoas começaram a adotar as ideias dele e defender a tradução de uma bíblia na língua que eles realmente dominavam. O trabalho inicialmente desenvolvido por essa figura continuou florescendo mesmo depois de sua morte, pois seu discípulo John Purvey revisou a primeira edição algum tempo antes do ano de 1408. A segunda bíblia de Wycliffe continha um prólogo geral, publicado entre 1395/6, e o 15º capítulo desse prólogo descrevia quatro estágios do processo de tradução: 1) um esforço colaborativo para coletar bíblias antigas, glossários e estabelecer um latim autêntico como texto de origem; 2) uma comparação das versões traduzidas; 3) pesquisa em gramáticos antigos e em clérigos a respeito da tradução de algumas palavras ou de alguns conceitos complexos; 4) tradução o mais clara possível das sentenças que compunham o texto com a posterior correção feita por um grupo de colaboradores, ou seja, de críticos que avaliariam a qualidade da tradução.

À proporção que o ato de traduzir foi ganhando novas configurações, a função política da tradução voltou-se para o objetivo de tornar os textos bíblicos cada vez mais acessíveis. O prefácio de Purvey deixa claro que o tradutor deve traduzir o sentido das palavras e não

apenas as palavras pelas palavras. A tradução deve se resultar em uma versão profundamente inteligível e assumir todas as questões idiomáticas que permeiam a língua para a qual o texto será traduzido. Essa versão da bíblia passou por várias avaliações para que cumprisse com os objetivos tanto dos defensores da tradução da bíblia para as línguas nacionais quanto para muitos que, inicialmente, eram contrários a esse modelo de bíblia. Na visão desses críticos à tradução da bíblia, a atividade tradutória corromperia a integridade da bíblia e abriria margem para traduções que deturpassem as sagradas escrituras. No entanto, o maior problema era que muitos não compreendiam a língua latina e, por consequência, ficavam dependentes daqueles que a dominavam e se beneficiavam disso.

No séc. XV, a história da tradução da bíblia adquiriu uma nova dimensão com o advento da imprensa por tipos móveis. Após a versão da bíblia de Wycliffe, o próximo grande tradutor inglês foi William Tyndale (1494-1536). A intenção de Tyndale era a de traduzir e também oferecer uma versão de tradução clara para os religiosos. No entanto, com o passar do tempo, o tradutor foi queimado na estaca em 1536 por não cumprir com as diretrizes dogmáticas estabelecidas pela igreja católica; Tyndale também traduziu o Novo Testamento do grego e partes do Velho Testamento do hebraico. Mesmo assim, ainda no séc. XVI, a tradução da bíblia ganhou grandes proporções e começaram a aparecer bíblias traduzidas para os diversos vernáculos.

As traduções apresentavam as duas vertentes do cristianismo: a vertente Protestante e a vertente Católica Apostólica Romana. Em 1482, o Pentateuco hebreu foi impresso em Bolonha, e a bíblia hebraica completa apareceu em 1488, enquanto, Erasmo, humanista holandês, publicou o primeiro Novo Testamento Grego em Basle, em 1516. Essa versão serviu como base para a versão de Martinho Lutero produzida em 1522. Logo, começaram a aparecer várias versões da bíblia em dinamarquês (1529 e 1550); sueco (1526-41); tcheco (1579-93), entre vários outros vernáculos.

William Tyndale, evocando as ideias de Erasmo, atacou a hipocrisia das autoridades da Igreja que proibiram as pessoas comuns de lerem a bíblia em suas próprias línguas maternas, alegando que isso resguardaria a integridade de suas almas. Entretanto a Igreja aceitava o uso do vernáculo para histórias e fábulas sobre o amor que, na visão de Tyndale, corrompiam, com muito mais êxito, a mente dos jovens. Posteriormente, apareceu a Bíblia de Coverdale (1535), The Great Bible (1539) e a Bíblia de Geneva (1560). Cada uma dessas versões da bíblia surgiu numa época em que traduzir as escrituras sagradas era questão de vida ou morte, já que a troca de uma simples letra, de um simples pronome poderia resultar em ser queimado vivo na estaca por ser condenado por atos entendidos como hereges.

É importante entendermos cada uma das caracterizações da tradução para que possamos compreender que existem variadas maneiras de se traduzir um texto. Com base nisso, passamos a perceber que não existe tradução boa ou ruim, mas sim tradução adequada e tradução inadequada. Sendo assim, devemos definir bem a quem nossa tradução atenderá. O tradutor precisa ter noção de que a sua tradução será lida dentro de um determinado contexto por leitores que a buscam, porque procuram algo que preencha suas necessidades, seja por causa de pesquisa, de fruição da obra literária ou, ainda, por mera curiosidade. Como as traduções têm diversas finalidades, cada uma delas atenderá mais especificamente certos objetivos. Cabe aos leitores avaliar se determinada tradução é ou não adequada a suas demandas. Traduzir um texto pode significar a maximização das ideias que foram difundidas no texto original para que elas não se dissipem e não se percam.

Entender quais foram os principais motivos de o autor ter escrito determinado texto também pode nos ajudar a entender o que podemos pretender com a nossa tradução. Traduzir é um ato constante e implica a revisitação do texto de partida durante todo o processo tradutório, posto que o tradutor passa por fases dentro da tradução que modificam a estrutura do texto a todo o momento. Em absoluto, isso não prejudica o processo tradutório, mas constitui-se como parte desse processo. Traduzir é preciso, e não podemos deixar de passar adiante algum conhecimento produzido em uma época diferente por causa dos possíveis problemas que surgem durante o processo de tradução. Ao passo que vamos introjetando esses aspectos caracterizantes da tradução, passamos tanto a entender como ela se realiza no dia a dia quanto a compreender que traduzir é retornar ao texto original ao mesmo tempo que se retorna à própria tradução.

2 SOBRE IDADE MÉDIA

O pensamento medieval era extremamente fundamentado em bases filosóficas e teológicas que contribuíram para a formação política, social e econômica desse período. É por meio dessas considerações que podemos dizer que a forma de pensar e de se organizar deu respaldo para a busca do pensamento e do conhecimento mais íntimo dos fenômenos que cercavam a população da época. Mas os primeiros filósofos já entendiam a necessidade de se conceber a natureza e a manifestação dos acontecimentos por meio de outra percepção.

A Idade Média ficou marcada como um período de alta produção, tendo em foco os elementos divinos que eram tomados como fonte de inspiração central para a criação artística, humanística e social. A teologia era o ponto de origem do conhecimento dos povos que viveram sob a luz desse momento histórico. Deus estava presente em tudo que poderia ser construído através das mãos dos homens e tudo era providenciado e assentido por essa autoridade máxima e metafísica. Nesse período histórico, o homem é uma ferramenta, e Deus é o ser que opera por meio dela.

À proporção que percebemos o grande nível de religiosidade no Medievo, começamos a entender como se davam as relações dentro da sociedade medieval e dos estratos sociais que estavam à mercê dos efeitos propagados pela ética e moral vigentes. As relações hierárquicas refletiam bem o modo de pensar e de agir dentro das comunidades que se nutriam e cresciam sobre alicerces teológicos e filosóficos. Entender a origem do nascimento desse período é fundamental para percebermos quais eram os objetivos da sociedade medieval e quais foram os meios que utilizaram para alcançá-los.

É analisando todos esses aspectos presentes no período em questão que compreendemos como as estruturas sociais presentes no Medievo e os legados que foram difundidos nessa época ganharam grandes proporções, que nos intrigam até hoje. É preciso entrarmos por novas veredas a fim de clarearmos a nossa busca diante de um período que prezava pelo culto à Santíssima Trindade, uma vez que a teologia era uma realidade inegável e inconfundível na arte, na música, na história, nas relações sociais e econômicas, na moral e na ética, na filosofia, entre outros. Caminhando dessa forma, seremos capazes de entender as influências da religiosidade na mentalidade medieval.

Partir das estruturas sociais desenvolvidas nessa época é assumirmos uma investigação extremamente profunda das formas de compreensão do mundo, levando em conta cada passo que a sociedade deu para subsistir. Sempre há elementos que nos permitem encontrar subtextos presentes nas culturas criadas ao redor de todo o globo terrestre, e isso

não funcionaria de outro modo com a Idade Média. Buscaremos averiguar esses fenômenos de dentro para fora com o intuito de tornarmos possível contemplá-los de maneira integral.

Uma das ideias mais importantes para o período que estudamos tem a ver com o modo metafísico com que Platão pensou acerca da realidade a partir do conceito de dualidade, que discernia o nosso ser integral em alma e corpo. Platão defendia a importância de que nossas experiências colaborem diretamente com a ascensão da alma ao plano das ideias. Nosso ser interior busca um reencontro com as vivências presenciadas nesse plano, em que empreendemos feitos plenamente realizados, cuja lembrança reconfortante nos leva a querer repetir essas experiências e novamente alcançar a perfeição.

É a ligação com esse plano que nos tornará completos e dignos das nossas ações, como exatamente éramos antes de passarmos a compreender as coisas por meio do mundo sensitivo. Ficamos extremamente dependentes dos nossos sentidos para reconhecer as coisas e assim executá-las como executávamos no mundo das ideias. Para Platão, todas as coisas eram totalmente dominadas por nós nesse plano, e a vida é uma eterna procura dessas coisas que nos são muito familiares, mas que não dominamos mais como antes.

O homem medieval vive nessa constante luta entre os seus anseios carnis e espirituais que se assemelham muito com a concepção dualista de Platão, procurando sempre promover sua alma e evitar os desejos que partem de sua carne. É o paralelo do mundo sensitivo versus mundo das ideias no âmbito cristão que estimula a nossa imaginação e a direciona para uma herança inegavelmente platônica. Os conceitos filosóficos de Platão se mesclam com os conceitos de vida espiritual e carnal difundidos pelo Cristianismo.

Essa convergência entre as dualidades platônica e cristã traz à tona a força com que as ideias de Platão se propagaram e se fixaram numa religião que domina boa parte do mundo. Aqueles que desejam entender profundamente o Cristianismo podem mergulhar nas ideias platônicas para fazer uma espécie de exegese dos textos cristãos. E aqueles que desejam investigar mais profundamente os conhecimentos preservados nessa religião podem buscar estudos que esclareçam o hermetismo, pois essa doutrina aborda conceitos que são encontrados nas mais diversas expressões culturais e suas civilizações.

A dualidade ideia *versus* sensação verifica-se tanto no platonismo quanto no Cristianismo e apresenta desdobramentos filosóficos-cristãos peculiares. É importante fixarmos os conceitos para que entendamos como uma doutrina exerceu influência na outra e deu prosseguimento aos pensamentos construídos dentro de cada uma delas. Platão buscava esclarecer a divisão do mundo em que vivemos para que possamos entender que há outros

planos que o constituem, mas que precisam ser observados a partir do espírito plenamente centrado em si.

Quando percebemos o que há no nosso interior, começamos a entender melhor o que se passa no exterior. O hermetismo também se orienta dessa forma e faz com que não descartemos os outros planos das nossas vidas que são essenciais para o nosso crescimento como ser humano. O mundo das ideias e o mundo sensitivo caminham pela mesma vereda que o hermetismo. É a partir do entendimento do mundo ideal que começamos a entender o que se passa aqui no mundo sensitivo. Esses planos estão interligados e precisam ser devidamente notados para que atuemos neles.

O Cristianismo entende que, quanto mais dominarmos e nos aproximarmos do mundo espiritual, mais teremos controle e entendimento do mundo carnal. De novo, a dualidade se propõe como elemento crucial para se estabelecer o mínimo de contato entre os dois mundos. O foco no mundo espiritual é o ponto de partida para entender e, assim, negar veementemente o mundo carnal. As imperfeições e distorções do mundo carnal não valem a pena e são muito inferiores se comparadas com as benesses do mundo espiritual.

Há uma luta constante entre os dois mundos, e os cristãos optam pelo mundo espiritual, pois suas forças e seus sonhos são muito mais potencializados nele do que no mundo carnal. Não há como chegar ao mundo espiritual sem antes ter passado pelo carnal, não obstante a dualidade cristã desvaloriza a importância do corpo. É preciso compreendermos como essas doutrinas se estabelecem para que seja possível alcançarmos o mundo espiritual de maneira mais completa.

Sabemos que, no hermetismo, também há essa busca por leis e planos que transcendem a matéria orgânica em que habitamos. No entanto, precisamos da matéria orgânica para podermos adentrar nesse espaço totalmente além do físico que, às vezes, conhecemos e, às vezes, dominamos. Essa doutrina estabelece leis que regem o nosso universo e a nós mesmos; cada passo dado fora da nossa caminhada individual é entendido como uma transgressão das leis que nos cercam. O ser humano está submetido a elas, e todos os seres, objetos, matérias, etc., também não escapam de seu campo de força.

Na Idade Média, há também a ideia de um ser autocriador, que está intrinsecamente ligada ao conceito de livre arbítrio: o homem é tido como senhor de si mesmo e, por conta disso, trilha seu caminho à sua maneira. É ele que escolhe como se dará o decorrer da sua vida, tendo como base as leis estabelecidas pelos modelos de vivências que lhe são apresentados na sociedade de que participa. Dessa forma, o homem se assemelha ao Deus

criador, uma vez que passa a ter autonomia para construir sua jornada de acordo com o tempo que lhe é concedido no mundo físico.

O homem não é um mero repetidor de modelos já criados. Ele constrói e se constrói simultaneamente a todo momento, e isso irá se refletir na sua jornada autônoma diante de tudo que for criado no mundo sensitivo em que habita. É como se as potencialidades de um Deus criador se refletissem no que ele cria, e, assim como Deus, alcançasse grandes proporções que lhe permitissem atuar de forma ideal. As leis herméticas também dizem respeito ao conceito de livre arbítrio, pois trazem ao homem possibilidades de atuar em prol da sua própria existência.

Através desse ponto de vista, entendemos que o homem é livre na medida em que ele atua de acordo com as leis para que sua sobrevivência e a dos demais seja possibilitada sem se incorrer em transgressões. Ao seguir as leis herméticas, o homem se torna capaz de utilizar as leis universais a seu próprio favor e tirar o melhor proveito de todas elas. É por meio dessa atitude que ele passa a transitar pelos mais diversos planos que constituem o nosso universo para se elevar ao patamar mais nobre da existência.

Conforme vai entendendo as leis transmitidas por esse pensamento filosófico, o homem consegue aplicá-las em suas ações para que elas sejam muito bem-sucedidas, já que as leis atuam nos mais diversos planos e ajudam a obter uma vida mais regrada e adequada para os seres humanos. É importante entendermos as acepções de que são tratadas em cada uma das leis para que possamos reconhecê-las e adotá-las nas nossas formas de viver aqui no mundo sensitivo sem que sejamos drasticamente abalados pelos efeitos delas.

O hermetismo, platonismo e cristianismo estabelecem ideias que devem ser aplicadas no curso da vida para que o homem encontre o seu próprio ser na mais pura forma. É por meio das leis, difundidas em cada uma dessas correntes de pensamento, que podemos trabalhar o nosso atual estado para que ele seja cada vez mais transcendente. O ambiente colabora para a criação de um ser muito mais elevado e conectado ao universo que o cerca, pois lembra ao homem que a sua própria constituição é física e também metafísica.

Desse modo, não há como atuar num plano sem atuar em outro, já que a natureza dual do homem está indissociável do seu estudo e do seu potencial. Quando compreende as suas origens e o modo como ele se concretiza no mundo, o homem consegue se autoelevar e canalizar as suas habilidades e vivências para as mais diversas direções. É preciso conciliar sua natureza dúbia para que ele saiba atuar de modo a que os efeitos dessa atuação sejam positivos. Dessa maneira, o homem sempre será alçado aos níveis mais excelsos que o nosso universo pode nos oferecer.

3 A POÉTICA MEDIEVAL E NIGEL DE LONGCHAMPS

Após o começo do desenvolvimento dos grandes centros urbanos, surge uma figura expressiva e que traz consigo novos elementos e conceitos de acordo com a nova divisão do trabalho que, aos poucos, começara a se instalar nos espaços urbanos. Como a divisão do trabalho ainda não era uma realidade plenamente estabelecida na época, é importante salientar que o intelectual do séc. XII, ao que tudo indica, era, na verdade, uma espécie de *factotum della città*, já que sua figura estava imprescindivelmente associada aos cargos de proprietário, juiz, administrador, professor, etc; evidenciando, dessa forma, que a figura de um intelectual especialista e dedicado a uma única área só começa a se tornar uma expressiva realidade com o surgimento das grandes cidades.

Segundo Le Goff (2006), há teóricos que defendem o surgimento desse intelectual especializado e atuante em uma frente única lá no séc. IX, mas, o que ele entende como intelectual começa a se estabelecer fortemente nas grandes cidades a partir do século XII mesmo. Há uma inquietação com relação à definição do termo intelectual, pois ele divide as opiniões que se estabelece entre os séc. IX, X, XI E XII. Ao que parece, não há uma definição totalmente exata que nos indique o momento adequado para o surgimento desse intelectual, mas há fatores, como a consolidação dos grandes centros urbanos e a relação que as comunidades começaram a desenvolver com eles, que nos induzem a compreender o séc. XII como o espaço em que essa figura realmente se estabeleceu.

A época carolíngia é um período da história da humanidade em que a figura desse intelectual e do cultivo da cultura crescem exponencialmente e começam a tomar a forma do intelectual e da cultura com a qual estamos familiarizados. Os *scriptoria* carolíngios eram grandes espaços de produção cultural, mas que muitas vezes só começaram a ser notados séculos depois de seu surgimento. Como foi dito acima, a cultura, sendo cultivada a partir da figura de um intelectual especializado, ganha formas proporcionais a sua importância dentro da sociedade cultural que começou a ser apreciada nos séculos posteriores ao séc. XII. É importante lembrar desse período de produção e formação do intelectual para que se entenda como as mudanças sociais foram importantes para sua consolidação.

Os intelectuais do séc. XII estavam mais do que interessados em fazer algo novo e, ao longo do processo, tornarem-se homens novos; o renascimento das artes já era uma questão muito viva nos espaços ocupados por essas figuras. A palavra *moderni* é uma das grandes representantes de sua vontade e uma das formas deles se afirmarem como renovados e como eternos idealizadores da renovação de todo o tipo de arte que estava no entorno deles. Eles

tinham uma forte tendência a não questionar os antigos, mas, ao contrário, imitavam-nos completamente, valorizando o modo de produção artística proveniente deles. Acreditavam que quanto mais as obras dos antigos fossem consumidas, mais eles poderiam se impregnar dos ensinamentos contidos nelas.

Os autores antigos eram tomados como grande referência para a construção dos conhecimentos que viriam a ser construídos pelos novos intelectuais que começaram a surgir no século XII. O domínio de múltiplas disciplinas também era algo muito incentivado para que os intelectuais que estavam se formando pudessem ter uma visão ampla dos meios de cultura e se impregnar totalmente de suas atribuições e de tudo que elas poderiam lhes oferecer. Há a ideia de que as produções dos autores antigos representavam um período de ouro para a produção artística e, por conta disso, deveria ser reverenciada e imitada em todos os sentidos que essas palavras possam sugerir. As técnicas de retórica e de persuasão eram de grande valia para a formação dos novos intelectuais e dos cidadãos que iriam ocupar os espaços sociais deixados por seus antecessores.

A ética, a física, a matemática e a própria filosofia foram muito exploradas pelos autores antigos e esses novos intelectuais valorizavam muito isso, já que também puderam se beneficiar grandemente das produções que os precederam. Elas ainda não foram e, talvez, nunca sejam esgotadas e sempre servirão como base para a criação de novas ciências e com certeza ajudarão no desenvolvimento contínuo daquelas que já existem. Eles defendem a tese de que qualquer autor que surgiu entre os antigos precisa ser esmiuçado recorrentemente, pois sempre terão novas respostas para problemas antigos que muitas vezes se estenderam para os dias deles e, certamente, estenderam-se pelos nossos dias. Então, não há melhor fonte para se consultar do que as obras e pensamentos que esses autores antigos compartilharam com toda a humanidade.

O que nos resta como questionamento desse posicionamento dos novos intelectuais é que as implicações e imitações compulsivas poderiam trazer para a tradição literária e cultural que estava nascendo no momento em que o séc. XII começou a desenvolver essa tendência. Parece que os intelectuais críticos deram preferência aos intelectuais que fugiam da tradição cristã (eles liam os autores antigos, mas com o intuito de melhorar a exegese bíblica e melhorar os discursos religiosos gerados pelo cristianismo, contudo, não deixavam de lado o pensamento de que esses autores ainda continuavam sendo pagãos – não se estuda o clássico pelo clássico, mas sim pela construção e manutenção dos textos cristãos). Era um novo movimento que começava a surgir nesse século que traz novas propostas para o que se entende como um novo tipo de intelectualismo medieval que transformou o significado dos

intelectuais como eles eram conhecidos nas tradições anteriores, demonstrando que as novas tendências intelectuais abriram um grande espaço para uma nova forma de se pensar as produções culturais que não eram consideradas cristãs.

O teor científico da obra de autores como Virgílio e Platão é de grande valia para os intelectuais entenderem sua própria cristandade, não apenas por representarem uma grande fonte para a construção de sua moral, mas também de sua cultura. Talvez a característica liberal da produção desses autores seja um grande fator que nos ajuda a constatar, com alguma certeza, a escolha baseada na ciência das obras deles. Os intelectuais do séc. XII são profissionais que tomam os autores antigos como grande inspiração para a construção de novos pensamentos, desenvolvendo uma ciência própria para o seu século, mas que possui suas raízes nas ciências criadas por intelectuais de outras épocas.

Os autores antigos são altamente admirados e constituem grande fonte de inspiração, porque o consumo das obras produzidas por eles é extremamente edificante, e os intelectuais do séc. XII afirmavam isso a todo momento. É pela grandiosidade de suas ideias que os antigos escritores devem ocupar lugar de prestígio no desenvolvimento de qualquer sociedade, e os novos intelectuais mostravam a todo momento que era importante manter autores antigos por perto para que as conquistas deles os guiassem. Não é suficiente dizer o quão importante as ideias dos autores antigos são, sem que se tenha que pôr cada uma delas em prática, a fim de validar o que é dito por eles e pelos novos intelectuais que defendem sua permanência dentro da sociedade.

Nigel como bom admirador desses autores renomados, por volta de 1170, se juntou ao monastério de Christ Church, Canterbury, onde permaneceu como monge, padre, e, possivelmente, precentor/corifeu, até sua morte no início do séc. XIII. Todas as composições existentes de Nigel, com exceção de uma, foram produzidas em verso. Além de *Speculum Stultorum*, há uma lista de obras em hexâmetro datílico dos arcebispos de Canterbury de 1184, uma coleção de dezessete lendas de Maria intitulada *Miracula Sanctae Dei Genetricis Virginis Mariae*, *Passio Pauli Primi Heremita*, *Passio Sanctae Laurentii*, e uma miscelânea de peças morais e elegíacas curtas.

Seus gostos literários também se ressaltam, uma vez que o autor adorava ler escritores como Ovídio, Virgílio, Juvenal, Pérsio e muitas outras figuras importantes que circulavam por Roma. Ele também era muitíssimo fascinado pela literatura moralista e hagiográfica da Idade Média. Seu gosto pela literatura satírica também era admirável e seu conhecimento de latim era notável. Nigel escrevia muito bem nessa língua e se destacava por sua lucidez, vigor

e facilidade. Todos os seus trabalhos refletem sua inabalável devoção ao bem-estar da igreja e aos princípios da vida monástica.

3.1 A PRODUÇÃO POÉTICA NA BAIXA IDADE MÉDIA

A produção poética na Baixa Idade Média foi muito influenciada pelas *poetrie*, tratados que apresentavam um conjunto de regras da composição literária, fruto da cultura universitária que amadureceu ao longo dos séc. XII e XIII. Esses tratados estavam relacionados, por gênese e por objetivos, a duas *artes* medievais: *ars praedicandi* e *ars dictandi*. As *poetrie* que chegaram até nós são menos de dez, sendo a mais famosa a *Parisiana poetria*.

Conforme Umberto Eco, as *artes poeetrie* («*poetrie*») abrangiam tanto a prosa quanto a poesia e eram compostas em verso ou em prosa.⁸ Como já acontecia na terminologia clássica, o termo *ars* (arte ou técnica), na época medieval, alude tanto ao âmbito prático quanto, por extensão, ao âmbito teórico de tratado normativo. Na Idade Média, existiam três tipos de *artes* dedicados à composição literária: a *ars poeetrie*, que será bem mais explorada nas linhas seguintes, a *ars dictaminis*, dedicada à redação de cartas, e a *ars predicandi* ou *sermocinandi*, que dizia respeito à predicação e à estruturação escrita/oral do discurso (*sermo*). Essas *artes* apresentam, como ponto em comum, algumas características no modo de dispor o tema, e, sem dúvida, todas originam-se de aprendizagens desenvolvidas nas maiores escolas europeias desse período. As *artes* supracitadas demonstram, em sua constituição, uma reflexão teórica não limitada a um autor em específico, mas representativa do pensamento de uma comunidade de estudiosos num momento histórico preciso. A maior diferença entre as três *artes* é a fruição, principalmente escolar. Nesse sentido, são parte fundamental para a constituição das *poetrie*, instrumento imprescindível não apenas para a aquisição de competências teóricas, mas também para a construção de um *habitus mental*.

As poucas *poetrie* que chegaram aos dias de hoje (menos de dez), comparada com mais de duzentas *artes praedicandi* e com cerca de trezentas *artes dictaminis* são, segundo Murphy (2005), apenas mais uma prova da homogeneidade das normas difundidas relativamente à arte da escrita. Por ordem cronológica, a primeira *poetria* que conhecemos é *Ars versificatoria* (c. 1175), de Mathieu de Vendôme (? - c. 1200), que estudou em Tours com Bernardo Silvestre (séc. XIII) e ensinou em Orleães e em Paris. Sua *Ars*, escrita em prosa com exemplos em verso, deve muito à *Ars poetica*, de Horácio, sendo extremamente

⁸ ECO, 2013, p. 416.

dedicada a textos poéticos.⁹ Os principais destinatários da obra são os seus discípulos, e o tratado teve, provavelmente, um uso privado e leituras públicas.

Eco afirma que outra importante *ars* desse período é a *Poetria Audomarensis*, um breve texto anônimo de Saint-Omer, do final do séc. XII.¹⁰ Os cinquenta dísticos que a compõem são inteiramente dedicados à *descriptio*. A fonte principal são as *Etymologiae*, de Isidoro de Sevilha (c. 560-636), mas o autor também não esquece Horácio (65 a.C. - 8 a.C.). O verdadeiro *best seller* da época foi a *Poetria nova* (1200 - c. 1202), do inglês Geoffrey de Vinsauf (séc. XII-XIII), dedicada a Inocêncio III (1160-1216, papa desde 1198). A obra sobreviveu em cerca de duzentos manuscritos, um número impressionante, quando comparado com os cinco manuscritos de *Ars versificatoria* ou com os seis de *Parisiانا poetria*, e foi copiada até quase o séc. XVIII. A durabilidade do tratado e o seu sucesso no âmbito escolar podem ser relacionados à correspondência perfeita com as exigências didáticas: totalmente composto em versos, a sua leitura é clara e agradável, alternando entre passagens de autores clássicos, experiências pessoais e contributos do autor. De Geoffrey, que, segundo uma passagem da própria *Poetria nova*, passou um período em Roma e talvez tenha ensinado em Bolonha, sobreviveram também *Documentum de modo et arte dictandi et versificandi e summa de coloribus*.

Essas *poetrie* são valiosas devido à clareza de exposição e pelo esforço de sistematização. Uma das *poetrie* mais estudadas é *Ars versificatoria* (c. 1215), de Gervásio de Melkley (c.1185-?), contemporâneo ou pouco posterior a Mathieu de Vendôme e a Geoffrey de Vinsauf. Gervásio cita ambos os autores, cujas ideias são substancialmente retomadas em sua *Ars*, que, dedicada à prosa e à poesia, concentra-se no modo de se evitarem os vícios do discurso, recorrendo às regras da gramática e da retórica, mas, sobretudo, à atenta leitura dos modelos.

Uma das *poetrie* mais conhecidas talvez seja a *Parisiانا poetria de arte prosayca, metrica et rithmica* (c. 1220, revista em 1231-1235). É obra do inglês John de Garland (c. 1195 - c. 1272), escritor prolífico e complexo que estudou em Oxford e ensinou depois durante muitos anos em Paris. *Parisiانا poetria* tenta unificar as regras relativas aos diversos gêneros de composição (prosaica, métrica e rítmica), tentando evocar as competências que envolvem a arte poética, como a epistolografia e as regras do discurso oral. Das sete partes que compõem essa obra, as mais inovadoras são as dedicadas à concepção do tema, à organização e à amplificação.

⁹ ECO, 2013, p. 418.

¹⁰ ECO, 2013, p. 419-420.

Laborintus (post 1213 - ante 1280), de Everardo, o Alemão (séc. XIII), é cronologicamente a penúltima *poetria* que chegou até nós (excluindo a tardia *Poetria Linkopensis*, de Matias de Linköping, já no séc. XIV). Quase nada se sabe sobre a biografia desse autor, exceto que estudou em Paris e Orleães, e que ensinou em Bremen e talvez em Colônia. O título é um jogo de palavras entre *labirinto* e *laborem habens intus* ("sofrendo, com dificuldade"); apesar de retomar vários conceitos dos quatro autores predecessores, alguns elementos utilizados na argumentação são completamente novos em relação ao esquema-base utilizado na época: inclui 1005 versos que cantam o nascimento, o crescimento e a educação do mestre com as sete artes liberais. O mestre nasce de fato com o destino traçado, e são, de alguma maneira, já pressagiadas as futuras desventuras que a carreira lhe reserva.

Como se sabe, os tratados têm um esquema-base: as três partes principais (exórdio, desenvolvimento, conclusão) são abordadas de modo uniforme, enquanto o espaço dedicado às noções de retórica mais específicas – variação e amplificação, adequação do estilo à personagem, características dos vários gêneros literários, erros a evitar, tratamento de um tema tradicional – varia de acordo com os interesses de cada autor. De acordo com Umberto Eco (2013), como está estabelecido na retórica clássica, também para as *poetrie* medievais existem dois tipos de exórdio: um natural, que segue a ordem lógica dos eventos, e um artificial, que a altera. A novidade introduzida pelas *poetrie* diz respeito sobretudo ao uso de provérbios e *exempla* quando se utiliza a ordem artificial. Apenas a *Poetria nova* e a *Parisiana poetria* tratam do desenvolvimento do discurso. Na primeira obra, distingue-se a ordem natural, em que o desenvolvimento dos fatos se desenvolve autonomamente, da ordem artificial, em que é o autor quem deve sublinhar a coerência do desenvolvimento com pronomes relativos ou com a explicação dos provérbios e exemplos utilizados.

Na *Parisiana poetria*, indicam-se, através de um esquema convencional adotado na oratória e na epistolografia, as partes que dividem uma obra: exórdio, narração, exposição, confirmação, refutação e conclusão.¹¹ Comumente, a conclusão versa sobre uma ideia geral, sobre um provérbio ou uma invocação à divindade inspiradora. Amplificar e abreviar são conceitos não estranhos à retórica clássica, mas presentes numa nova acepção nas *poetrie* medievais: "amplificar" significa "desenvolver", "tratar amplamente de um tema". Existem vários meios: sinônimo, comparação, *exemplum*, pergunta retórica, etimologia, onomástica, perífrase (muito na moda no final do séc. XI), apóstrofe, prosopopeia, descrição, eufemismo,

¹¹ ECO, 2013, p. 425; 430.

abreviação e digressão, desconhecida na retórica antiga e tratada em *Poetria nova e Parisiana poetria*

Outra importante característica das *poetrie* é a retomada a teoria clássica dos três estilos de discurso: humilde, médio e sublime, exemplificados nas obras virgilianas da *Roda de Virgílio*, respectivamente, *Éclogas*, *Geórgicas* e *Eneida*. A partir do séc. XIII, o que decide a classificação de uma obra deixa de ser o estilo, passando a ser a classe social a que pertencem as personagens. Além da distinção clássica dos três estilos, encontramos nas *poetrie* outra diferenciação entre ornamento simples e ornamento difícil, que recorre a várias figuras de estilo como a metáfora, metonímia, sinédoque, antítese, perífrase, alegoria, enigma. O ornamento fácil prevê o uso das cores da retórica (o processo mais comum é a *annominatio*, ou seja, a paronomásia), pela qual os medievais se interessaram muito, dedicando-lhe inclusive tratados autônomos, como o de Geoffrey de Vinsauf, já citado anteriormente.

3.2 NIGEL DE LONGCHAMPS E O *SPECULUM STULTORUM*

As poucas informações biográficas sobre Nigellus de Longo Campo, nome latinizado de Nigel de Longchamps, referem-no como um monge de Canterbury (Inglaterra) que esteve ligado a personagens da corte do rei Henrique II. O sobrenome do autor talvez indique que ele tenha nascido em Longchamps, na Normandia. Seu pai, Gilbert Longchamps, foi membro da família Sarneis, que se estabeleceu em Canterbury durante a primeira metade do séc. XII. Não se sabe como foi exatamente o início da carreira de Nigel senão o fato de que ele visitou Paris e viveu durante um tempo na Normandia. Por volta de 1170, o autor teria se fixado no mosteiro de Christ Church, em Canterbury, onde permaneceu como monge até sua morte, no início do séc. XIII.

Além de *Speculum stultorum*, Nigel escreveu o *Tractatus contra curiales et officiales clericos*; *Miracula sanctae dei genitricis virginis Mariae, verifcae*; *Passio sancti Laurentii martyris*; e alguma correspondência. Sua única obra em prosa foi o *Tractatus*, uma extensa queixa direcionada ao clero inglês devido a sua negligência com o sagrado. Em várias obras de Nigel, é notável a influência do neoplatonismo e de sua concepção de homem dividido em corpo e alma, cuja ascensão deve se dar em direção ao plano das ideias, desprezando-se o mundo sensível, como salientamos na seção anterior.

De forma geral, Nigel manifestou em suas obras o incômodo com a crescente mudança de comportamento de determinados segmentos do clero, cada vez menos devotados à vida espiritual. Desafiando dois dos mais poderosos eclesiásticos de sua época, Gilbert Foliot e

William de Longchamps, o autor de *Speculum stultorum* demonstrou seu inconformismo quanto às práticas mundanas que corrompiam a Igreja e reagiu contra tudo o que ele condenava por meio de seus sofisticados textos contendo mensagens sutis, a serem interpretadas para além do sentido literal. O conjunto de sua obra transmite o engajamento na luta pela integridade da Igreja e pelos princípios da vida monástica, não só registrando referências da literatura moralista e hagiográfica da Idade Média, mas também de autores latinos clássicos como Ovídio e Virgílio. Sua crítica, por vezes bem-humorada, reflete o gosto pela poesia satírica, a exemplo de Juvenal e Pérsio.

A obra em questão organiza-se em duas partes, que, para a plena compreensão, demandam ser interpretadas conjuntamente. A primeira diz respeito à inquietação do protagonista Brunellus, um asno que, numa fútil saga, deseja alongar sua cauda, receber educação universitária e, finalmente, entrar para uma ordem religiosa:

A fábula animal constitui também o quadro de *Speculum Stultorum*, de Nigel de Longchamps (c.1130 - ante 1200), uma sátira articulada que conta as desventuras do burro Brunellus, que anda pela Europa tentando obter uma cauda mais comprida, um título universitário, e fundar uma nova ordem monástica, mas que acabará infelizmente por perder, além da cauda, também as orelhas.¹²

A personagem empreende uma grande jornada a fim de alcançar seus desejos mais íntimos. A segunda parte da obra narra o resgate que Galienus, mestre de Brunellus, realizou de três animais selvagens e de um homem rico. Os animais demonstram sua gratidão a Galienus por meio de presentes. Por outro lado, o homem rico não se mostra agradecido para com seu salvador, embora ele tivesse prometido compartilhar sua riqueza, enquanto estava em perigo. A personagem somente honra sua palavra, quando se vê obrigada pelo rei.

Três anedotas ilustrativas são narradas ao longo das aventuras de Brunellus. A primeira fala sobre duas vacas cujas caudas foram congeladas na terra por uma geada. Uma delas espera pacientemente pelo descongelamento, e a outra, imprudente, corta sua cauda, sofrendo ataques de moscas e, por fim, morrendo. A segunda anedota diz respeito ao filho de um sacerdote que fere um galo vingativo e é, posteriormente, atacado por ele. Finalmente, a terceira anedota narra a história de três videntes que insultam profundamente membros da nobreza por rejeitarem seus pedidos, embora tenham concedido favores a uma menina camponesa.

Devido ao curto espaço de tempo de que dispusemos para a realização de nossa pesquisa de Iniciação Científica, selecionamos, para tradução, o prólogo do autor, que abre

¹² ECO, 2013, p. 477.

Speculum stultorum. Nele, o autor faz um breve convite para o leitor a quem desejava mostrar as mazelas que afetavam a sociedade da época. Nigel ressalta que é preciso ler as palavras para além de seu sentido primário, pois só assim o leitor zeloso quanto aos múltiplos sentidos das palavras conseguirá interpretar a mensagem final e principal da obra. Dessa forma, o autor tece uma série de críticas aos detentores de cargos importantes dentro e fora da Igreja. O zoomorfismo é um elemento central no enredo de Nigel, já que a personagem principal de sua obra é um asno que reúne os comportamentos mais reprováveis existentes na em sua época.

Nesse sentido, Nigel tenta advertir os leitores sobre esse aspecto ácido e contestatório de sua obra. O intuito do autor é justamente direcionar os leitores para uma leitura mais atenta e minuciosa do que ele tem a dizer, pois só assim os objetivos que ele deseja alcançar serão plenamente atingidos. Nigel deixa evidente a importância de se fazer essa autocrítica, para que alguma atitude seja tomada, pois o curso que as coisas seguiam não deveria ser tolerado por uma sociedade que se dizia religiosa. Na visão do autor, tudo aquilo que acontecia não deveria fazer parte da conduta de religiosos que levavam a religião a sério.

Um dos primeiros aspectos que mais nos chamaram a atenção em *Speculum stultorum* é o fato de que as personagens de animais manifestam características humanas, lembrando o gênero fabulístico, muito embora o poema tenha sido escrito em dísticos elegíacos. De acordo com Jean Batany (1993), entendermos o processo de humanização dessas personagens, isto é, o zoomorfismo construído por Nigel, é crucial para que percebamos como o autor dissimulou certas ideias que, num primeiro momento, podiam ser extremamente perigosas na sociedade em que vivia. Esse expediente literário é utilizado por Nigel para camuflar o verdadeiro sentido que deseja transmitir, adotando uma estratégia de preservação de sua integridade pessoal e de exposição de suas críticas sem que fosse punido de alguma forma.

Em nossa pesquisa bibliográfica, foram localizados, até o momento, trinta manuscritos de *Speculum stultorum* depositados em bibliotecas de diversas cidades europeias: Bruxelas, Dublin, Copenhagem, Lincoln, Londres, Munique, Oxford, Paris, Praga, Vaticano, Viena, Volfembutel e Breslávia. A editio princeps da obra data de 1474, impressa por Nicolaus Ketelaer e Gerardus de Leempt, em Utrecht, após a qual se seguiram seis edições em 1483-1484, 1490, 1490-1492, 1498-1499, 1506 e 1662. Modernamente, a obra foi editada em 1872, 1960 (edição crítica) e 2003, tendo sido traduzida para o alemão por Karl Langsoch (1982); em inglês por Graydon W. Regenos (1959) e por Eve Graham (1963); e em italiano por Francesca Albin (2003). Não identificamos ainda traduções portuguesas da obra em questão. Entre os principais estudos sobre *Speculum stultorum*, mencionamos os de Jean

Batany (1969, 1993), André Boutemy (1933, 1934-1935), Jill Mann (1975, 2007), John Henry Mozley (1929, 1930), Robert R. Raymo (1955) e Jan M. Ziolkowski (1993).

CONCLUSÃO

Como apontamos na Introdução deste trabalho, nossa proposta de tradução de *Speculum stultorum* surgiu das atividades de extensão universitária. O projeto de extensão “Os clássicos no acervo de obras raras da Biblioteca Nacional”, realizado por meio de acordo de cooperação técnica, científica e cultural entre a Faculdade de Letras da UFRJ e a Fundação Biblioteca Nacional, propiciou o contato com a referida obra, que despertou nosso interesse para a realização deste TCC. O fato de o exemplar constar no grupo de obras raras do acervo de uma histórica instituição brasileira, de ser uma obra completa em língua latina, de pertencer a um autor medieval e de não apresentar uma tradução até então conhecida para a língua portuguesa levou-nos aos estudos e tradução do prólogo do autor, uma prévia que sintetiza os porquês do autor desenvolver a história da forma como desenvolveu, que estão registrados ao longo dos capítulos que antecederam esta conclusão.

Na primeira parte deste TCC, discorremos sobre os estudos introdutórios que abordam as temáticas acerca de nosso *corpus*. No capítulo 1, “Sobre história e teoria da tradução”, nossos estudos contemplaram alguns teóricos e historiadores da tradução para que pudéssemos nortear a execução das etapas seguintes. Na sequência, o capítulo 2, “Sobre Idade Média”, expôs considerações histórico-culturais sobre a Idade Média, especificamente do séc. XI/XII, além de uma contextualização da vida de Nigel de Longchamps. Por fim, no capítulo 3, “A poética medieval e Nigel de Lonchamps”, mostramos que autores medievais, como de costume, buscaram influências em poetas latinos antigos, tanto por meio da (re)utilização de gêneros literários, quanto por meio da técnica versificatória.

À guisa de conclusão, encaminhamos o leitor à segunda parte deste TCC, que materializa as considerações apresentadas ao longo dos capítulos dispostos na parte I. Os versos originais e sua tradução em prosa foram diagramados em duas colunas, de modo a facilitar a leitura comparativa dos textos latino e português. Acreditamos que pesquisas como a que realizamos neste TCC sejam fundamentais para o desenvolvimento dos estudos de autores e obras da Idade Média escritas em latim, além de valorizar e divulgar as obras raras depositadas na Fundação Biblioteca Nacional. Nossa tradução colaborará para dar acesso a uma obra tão interessante que, infelizmente, não alcançou, pelo menos nos países de língua portuguesa, um número expressivo de leitores devido à falta de traduções em nosso idioma. Ademais, outro fator que torna *Speculum stultorum* uma obra de difícil acesso é o fato de que, lamentavelmente, o latim tornou-se uma língua restrita a diminutos grupos da sociedade.

É bom lembrarmos que este TCC não esgota o estudo e tradução de *Speculum stultorum*. Em decorrência do curto período de tempo que tivemos para trabalhar com as

páginas iniciais da referida obra, nossa proposta apenas contemplou o prólogo e alguns versos iniciais dela. Para dar continuidade à pesquisa, informamos que nosso objetivo é o de realizar, num futuro Mestrado em Letras Clássicas, o estudo, tradução e notas aos demais capítulos da obra em tela, buscando, assim, alcançar a integralidade de seu texto.

PARTE II

Tradução do *Prologus auctoris* (Prólogo do autor) de *Speculum stultorum*

NIGELLI SPECULUM STULTORUM

Prologus auctoris

*Suscipe pauca tibi veteris, Willelme, Nigelli
Scripta, minus sapido nuper arata stylo.
Hoc modicum novitatis opus tibi mitto legendum,
Maxima pars animae dimidiumque meae.
Ipsa superficies quamvis videatur inepta
Materiesque rudis, verba diserta minus,
Multa tamen poterit lector studiosus in illis
Sensibus et studiis carpere Digna suis.
Non quod verba sonant, sed quae contraria verbis
Insita sensus habet sunt retinenda magis.
Quis vetet, ex nugis vario paradigmate sumpto,
Seria quandoque plurima posse legi?
Saepius historiae brevitatis mysteria magna
Claudit, et in vili res pretiosa latet.
Quicquid ad exemplum morum scriptura propinat
Doctrinae causa, debet habere locum.
Saepius admiror, dum tempora lapsa revolve,
Quam fuerint nobis quamque notanda tibi.
Nil cum praeterito praesens mihi tempus habere
Cernitur, in caudam vertitur omne caput.
Fit de nocte dies, Tenebrae de luce serena,
De stulto sapiens, de sapiente nihil;
Fit Cato mentis hebes, linguam facundus Ulixes
Perdidit instabiles non habet aura vices;
Plusque Catone sapit, magis est facundus Ulixes:
Qui modo mutus erat mente manusque carens;
Quique fuit sapiens duro sub tempore belli,
Hunc quasi delirum tempora pacis habent;
Et qui nil sapuit nisi stultum tempore duro,
Postquam pax rediit, incipit esse Cato.
Quodque magis miror, furantur Nestoris annos,
Quos nondum partus edidit ipse suus.
Sic fortuna, parit dum partus prodigiosos*

O ESPELHO DOS TOLOS, DE NIGEL

Prólogo do autor

Receba, William, esses humildes escritos do velho Nigel, cultivados recentemente em saboroso estilo. Envio-te este opúsculo inusitado para que o leias, a melhor parte e metade da minha vida. Ainda que ela própria tenha uma aparência inepta, e a matéria seja rude, as palavras menos eloquentes, contudo, o leitor zeloso poderá colher dignas lições nos sentidos dela e em seus estudos. Não só o que soam as palavras, mas o que está além delas deve ser mais observado. Quem negaria que muitas lições sérias poderiam ser absorvidas, tomado o exemplo de nugas? Às vezes, a brevidade da história encerra grandes mistérios e, no vil, esconde-se uma preciosa coisa. O que quer que ofereça escritos morais como exemplo para ensinar, deve ter seu lugar. Às vezes, admiro-me, enquanto revolve o passado, como ele deveria ser notado por nós e por ti. Entendo que o presente não retém o tempo no passado, toda a cabeça volta-se para a cauda. O dia surge da noite; as trevas, da luz do dia; o sábio, do tolo; mas nada, do sábio. Catão torna-se fraco da mente; o facundo Ulisses perdeu [sua] língua, a brisa não tem instabilidades; Sabe mais do que Catão, é mais facundo que Ulisses o que antes era mudo da mente e carente das mãos; e quem foi sábio em duros tempos de guerra é considerado um tolo em tempos de paz; e quem nada soube em duros tempos senão tolices, depois que a paz retorna, começa a ser um Catão. E o que me admira mais: os que roubam os anos de Nestor ainda nem sequer nasceram.¹³ Assim, a fortuna, ao gerar prodigiosos nascimentos,

¹³ MANN, Jill, « The Speculum stultorum and the Nun's Priest's Tale », The Chaucer Review, 9:3, 1975, p. 262-282. [jstor.org]

Redditur ex partu prodigiosa suo;
Prodiga facta magis quam provida, prodigiosam
Conspicit ante suam se peperisse diem.
Nam puer impubes Cicerone disertior ipso
Fingitur, et magno scire Catone magis;
Omnia lunari subiecta globo reserare
Novit, et interdum mystica multa videt.
Qualemcunque virum cupias, quantumque disertum
Fingere mente, manu pingere, talis erit;
Talis apud tales, talis sub tempore tali,
Subque suo tali iudice talis erit.
Sicque dealbatus paries depingitur extra,
Interiorius plenus sordibus atque luto.
Sic pictura lutum vestit, sic gemma venustat
Stercora, sic aurum putrida ligna tegit.
Qui nihil est per se, nec habet quo tendat in altum,
Expedit alterius ut relevetur ope.
Est tamen absurdum, cum quilibet ex alieno
Intumet ulterius quam tumuisse decet.
Quamvis, de propria cum quis virtute superbit,
Sit vitium, levius hoc tamen esse puto.
Consuetudo tamen solet attenuare pudorem,
Reddit et audacem quem mora longa iuvat.
Regna licet teneat sceptrumque leonis asellus,
Juraque det populis, semper asellus erit.
Asperior tamen est, in sede leonis asellus
Si positus fuerit, quam foret ipse leo.
Pelle leonina tectum detexit asellum
Fastus et excedens gloria vana modum.
Si moderata foret saltem, sub imagine falsa
Res simulata diu posset habere locum.
Sed nimis impatiens gravis in novitate vetustas
Praecipites saltus in sua damna dedit;
Dum miser ipse sibi factus suus ex alieno
Fortunam didicit dedidicisse suam,
Perdidit invitus, male se simulante leonem,
Quod bene sive male credidit esse bonum.
Si qua minus prudens male perdidit, ex alieno
Perdidit, ex proprio nil periisse liquet.

mostra-se prodigiosa conforme seu nascimento.
 Vê-se que ela, prodigiosa, realiza feitos mais
 pródigos do que pródigos antes do seu dia.
 Pois um jovem imberbe torna-se mais eloquente do
 que Cícero, e mais sábio que o grande Catão.
 Ele sabe que tudo se revela subordinado ao globo
 lunar e, entretanto, observa muitos mistérios.
 Qualquer homem e o quão eloquente que o desejes
 imaginar, pintar com a mão, tal ele será.
 Tal entre tais, tal em tal época,
 e, sob tal julgo a seu respeito, tal ele será.
 E, assim, pinta-se uma parede de branco por fora,
 mas, por dentro, cheio de imundícies e sujeira.
 Assim, a tinta encobre a sujeira, assim a joia
 embeleza esterco, assim o recobre madeiras podres.
 Quem nada é por si mesmo, nem tem como se
 erguer, convém ser reerguido pela ajuda de outro.
 Mas é absurdo quando qualquer um se irrita com
 outro mais além do que deveria ter se irritado.
 Embora seja um vício quando alguém se gaba da
 própria virtude, julgo que isso é mais leve.
 Mas o hábito costuma atenuar o pudor,
 torna ainda audaz a quem uma longa espera ajuda.
 Um asno pode ter os poderes e o cetro do leão,
 e legislar para os povos: ele sempre será um asno.
 Se no trono do leão um asno for colocado,
 tornar-se-á mais cruel do que seria o próprio leão.
 A soberba e a vã glória, que excede a medida,
 revelaram o asno, coberto com a pele do leão.
 Se, ao menos, for moderada, sob falsa imagem,
 a situação simulada um dia poderia ter lugar.
 Mas a grave velhice, muito avessa à novidade,
 saltou de cabeça para sua destruição;
 Enquanto se torna a si mesmo miserável por causa
 de outro, aprendeu a ter esquecido sua sorte,
 perdeu, obrigado, mal imitando o leão,
 o que bem ou mal acreditou ser o que é bom.
 Se, de algum modo, ele, imprudente, perdeu, perdeu
 algo do outro, nada de si próprio perdeu.

*Quae fuit ante sibi nullo mediante figura
Permanet, ex nihilo perdidit ergo nihil.
Qui leo non potuit fieri, si fiat asellus
Sufficit, alterius Sarcina pondus habet.
Quoque magis fertur magis est onerosa ferenti,
Respectu vario pondera pondus habent.
Sanius ergo foret alienum non rapuisse,
Quam cum dedecore non retinere suum.*

A imagem, que ele tinha antes, inalterada
permanece; portanto, ele nada perdeu de nada.
Aquele que não pôde se tornar um leão, ainda que se
tornasse, apresenta-se como asno, a carga do outro
tem um peso. E, tanto mais é suportada, mais
onerosa para quem [a] suporta; a depender do ponto
de vista, as cargas têm um peso. Portanto, seria
melhor não tomar o que é do outro, do que, com
vergonha, não reter o que é seu.

Referências Bibliográficas:

- Silva, Antonio da. *Com a bola toda*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Faculdade Estadual de Jornalismo e Comunicação – FEJC, Cuiabá, 2007.
- Schmitt, Jean-Claude. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval: Volume 1*. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p.658 - 674.
- Schmitt, Jean-Claude. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Analítico do Ocidente Medieval: Volume 2*. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p.658 - 674.
- Le Goff, Jacques. *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- Le Goff, Jacques. *Os intelectuais na Idade Média*; tradução de Marcos de Castro, 2ª edição; José Olympio LTDA, 2003.
- Mann, Jill. "Does an Author Understand his Own Text? Nigel of Longchamp and the *Speculum stultorum*." *The Journal of Medieval Latin* 17 (2007): 1-37.
- Batany, Jean. *Les convers chez quelques moralistes des XIIe et XIIIe siècles*. éditeur non identifié, 1969.
- Batany, Jean. "Le rôle du zoomorphisme dans le *Speculum Stultorum*." *Reinardus. Yearbook of the International Reynard Society* 6.si (1993): 3-12.
- Boutemy, André. "The Manuscript Tradition of the *Speculum Stultorum*." *Speculum* 8.4 (1933): 510-519.
- Boutemy, André. "Sur le" prologue en prose" et la date du *Speculum Stultorum*." *Revue de l'Université de Bruxelles* 40.1 (1934): 67-90.
- Mann, Jill. "The" *Speculum Stultorum*" and the" Nun's Priest's Tale"." *The Chaucer Review* (1975): 262-282.
- Mozley, John Henry. "On the text of the *Speculum stultorum*." *Speculum* 4.4 (1929): 430-442.
- Mozley, John Henry. "On the Text and Manuscripts of the *Speculum Stultorum*: II." *Speculum* 5.3 (1930): 251-263.
- Raymo, Robert R. "Gower's *Vox Clamantis* and the *Speculum Stultorum*." *Modern Language Notes* 70.5 (1955): 315-320.
- Ziolkowski, Jan M. *Talking Animals: Medieval Latin Beast Poetry, 750-1150*. University of Pennsylvania Press, 2016.
- Garin, Eugenio, Isabel Teresa Santos, and Hossein Seddighzadeh Shooja. *Idade média e renascimento*. 1989.

- Furlan, Mauri. "Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente-III. Final da Idade Média e Renascimento." *Cadernos de tradução* 1.13 (2004): 9-25.
- Grimm, Elisa. "André Lefevere, Translation/History/Culture: a sourcebook." *Cadernos de tradução* 1.1 (1996): 371-372.
- Huntsman, J. F. Alexander Fraser Tytler.
- Nida, Eugene Albert, and Charles Russell Taber, eds. *The theory and practice of translation*. Vol. 8. Brill Archive, 1974.
- Nida, Eugene Albert. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Brill Archive, 1964.
- Harrington, Karl Pomeroy, and Joseph Pucci, eds. *Medieval Latin*. University of Chicago Press, 1997.
- Špirk, Jaroslav. "Anton Popovič's contribution to translation studies." *Target* 21.1 (2009): 3-29.
- Eco, Umberto. *Idade Média Catedrais, Cavaleiros e Cidades*. Leya, 2013.